

Editorial

Da ontoteologia à ontoantropologia

CAUSA PROFUNDA REFLEXÃO – e repercute em ouvidos atentos – a afirmação do professor Reginaldo Prandi (*apud* ORO & STEIL, 1997), ao pensar a religião ante o fenômeno da globalização:

O fato é que a religião pode crescer no mundo desencantado, que continua desencantado. Por mais presente que a religião possa nos parecer no dia-a-dia, as decisões mais importantes e mais fundamentais e que afetam a vida de praticamente todo o mundo são sempre tomadas sem que nenhuma referência a Deus tenha que ser feita. Nossa sociedade não precisa de Deus ou de deuses no seu governo, nem para seu progresso, nem para a eficácia de suas políticas. (p. 63-64)

Analisando empiricamente, o professor Prandi parece ter razão, juntamente com o filósofo R. Rorty que sustenta serem os valores pragmáticos que movimentam o mundo (Cf. D'AGOSTINI, 1997). Mas parece-me que – sendo a afirmativa verdadeira ou não – a raiz dos problemas atuais se localiza muito antes do fenômeno da globalização. Se por um lado, com o fenômeno da globalização e da economia de mercado, as religiões têm que redefinir constantemente seu território no mundo re-espacializado, por outro, nossas sociedades estão cada vez mais fragmentadas e fragmentárias, descontínuas e heterogêneas.

Todo esforço de fundamentação pós-metafísica tende ao fracasso uma vez que se faz a opção pela transitoriedade antes que pela transcendência, pela particularidade antes que pela abertura ao todo. Não seria tal esforço em si mesmo reducionista? O *trans* da transitoriedade – ôntica e ontologicamente – já não aponta para a transcendência? O progresso adquirido no controle científico da particularidade já não exige em si mesmo a abertura ao todo?

Toda a herança da modernidade – valorização do sujeito, apreço e confiança na razão, progresso científico-tecnológico – não tem sido suficiente para redescobrir o lugar do humano no mundo contemporâneo. É verdade que não se viaja no tempo: *perditum, tempus non reddit*. Mas também é verdade que, no conhecimento humano que só se dá no tempo, há elementos que perpassam os tempos. Trata-se de elementos intemporais que nos desafiam constantemente nas sínteses pretendidas. Assim, não preconizamos um retorno à ontoteologia, nos moldes

clássicos, como horizonte último do humano. É no labirinto de sentidos do mundo hodierno, no desafio de dar razão à cultura, na justiça intergeracional, que se deve buscar uma reconstrução e redefinição da racionalidade humana aberta à transcendência.

Seguramente não se trata aqui de repropor uma espécie de ontoantropologia, dado que também tem sido insuficiente, pois o humano ultrapassa infinitamente o homem. É louvável o esforço da filosofia da religião bem como as tendências das ciências da religião. Contudo uma questão se impõe: a partir de que racionalidade? Desse modo, o que está em jogo a nosso ver é o próprio estatuto ontológico da razão humana, sempre mais privatizada e instrumentalizada. Talvez brotem daí mesmo o seu vazio e a ausência de sentido.

Religião é mediação e, como tal, tem suas razões históricas. Mas não é só isso. Penso que todas as diferenças devem ser repensadas em sua dignidade, porém sem reducionismos que procuram legitimá-las em si mesmas em detrimento da alteridade. Talvez fosse bastante humano pensar numa abertura mais originária (Cf. PAIVA, 1998) que proporcionasse a busca do que é comum a toda a humanidade.

Não gostaria de falar aqui em termos de uma onto-antropo-teologia, uma vez que tal expressão sugere uma síntese eclética e um jogo de palavras antes que uma realidade. Mas, anunciamos uma abertura racional que se poderia denominar de arquetelológica (OLIVEIRA, 2004), de tal modo aberta às contingências do tempo e às possibilidades trans-históricas.

Márcio Antonio de Paiva

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana;
Diretor do ICH – Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas e
professor dos Programas de Pós-graduação em Direito e
Ciências da Religião da PUC Minas

Referências

- D'AGOSTINI, F. **Analitici e continentali**. Guida alla filosofia degli ultimi trent'anni. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1997.
- OLIVEIRA, I. V de. **Arché e télos**: niilismo filosófico e crise de linguagem em F. Nietzsche e M. Heidegger. Roma: PUG, 2004.
- PAIVA, M. A. **A liberdade como horizonte da verdade segundo M. Heidegger**. Roma: PUG, 1998.
- PRANDI, R. A religião do Planeta global. In: ORO A P.; STEIL, C. A (Org.). **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1997, 63-64.